

A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NA GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA: LIMITES E POSSIBILIDADES

Sandro de Castro Pitano*
Rosa Elena Noal**

Resumo

O presente trabalho aborda duas experiências de pesquisa em Geografia desenvolvidas com base na observação participante, inspirada no método etnográfico, buscando dimensionar os seus limites e possibilidades no processo investigativo em nível de graduação. As experiências que compõem o pano de fundo desta análise se caracterizam como pesquisas educacionais, enfocando o ensino de Geografia sob o prisma das questões ambientais no interior da escola. Nesse sentido, cabe salientar que em ambas a observação participante esteve presente de maneira semelhante, embora adaptada ao contexto de estudo. Uma vez avaliadas, pensamos que os resultados se mostraram profícuos, estimulando outros pesquisadores iniciantes a adotar a metodologia em suas investigações. As limitações explicitadas constituem desafios a serem enfrentados, cuja reflexão permanente poderá conduzir a futuras reformulações, inclusive no âmbito curricular, motivadas pela busca de uma formação docente alicerçada na prática da pesquisa.

Palavras-chave: Observação participante. Etnografia. Pesquisa. Geografia. Ensino.

INTRODUÇÃO

O propósito destas reflexões é, a partir da retomada de duas experiências de pesquisa em Geografia desenvolvidas com base na observação participante, inspirada no método etnográfico, dimensionar os limites e as possibilidades do seu uso no processo investigativo em nível de graduação. Ressaltamos o fato de que a ciência geográfica tem, na relação dos seres humanos com o meio, o seu objeto de estudo, o que a aproxima das experiências de pesquisa que primam pela complexidade, como as do tipo etnográfico. Nessa perspectiva, é priorizada, no processo de construção de conhecimento, a mesma dinâmica que caracteriza o fundamento da Geografia como ciência: o caráter processual, histórico e, permanentemente, reconstrutivo da prática humana durante a própria ação.

O método etnográfico se embasa, tradicionalmente, em dois pilares: a interação *prolongada* entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa e a interação *cotidiana* do pesquisador no universo do sujeito. A formação da etnografia remonta aos séculos XV e XVI, por meio do movimento das grandes navegações, que revelaram a existência de

* Doutor em Educação, professor associado do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. E-mail: scpitano@gmail.com

** Doutora em Geografia, professora associada do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. E-mail: rosa.noal@gmail.com

outros seres humanos, exteriores ao contexto europeu/cristão. Como consequência desse contato, emergiram aspectos delicados para a época no meio intelectual europeu, principalmente no que diz respeito à religião e sua concepção criacionista do mundo. Estudar os novos e diferentes povos, buscando compreender a multiplicidade de origens, de histórias e características diversas, fruto do desenvolvimento de múltiplas culturas, padrões raciais e morais e civilizações, tornou-se um desafio essencial.

Mais recentemente, o trabalho do polonês Bronislaw Malinowski, publicado em 1922 sob o título “Argonautas do pacífico ocidental”, tornou-se referência em investigação etnográfica. A obra explicita o trabalho de campo que ele realizou entre os nativos das Ilhas Trobriand, uma população de 1.200 melanésios da costa nordeste da Nova Guiné, durante a década de 1910. Como destaca Giumbelli (2002, p. 56):

Para Malinowski, o “trabalho de campo” deveria produzir uma “visão autêntica da vida tribal” (1978). Sua adequação media-se pela capacidade de ultrapassar alguns obstáculos e de satisfazer certas regras. Do lado dos obstáculos, haveria tanto a falta de domínio da língua nativa, sem o qual não se atingiria o “significado intrínseco da vida tribal”, quanto os “preconceitos e opiniões” dos “outros homens brancos” que viviam na região. Do lado das regras, o “trabalho de campo”, devidamente integrado a problematizações teóricas, ao propiciar um “contato o mais íntimo possível” com o grupo estudado e permitir ao etnógrafo “tomar parte na vida da aldeia”, forneceria os dados que cumpririam os objetivos da pesquisa etnográfica através de seus “três caminhos”: a documentação estatística por evidência concreta, a atenção aos imponderáveis da vida real e a elaboração de um *corpus inscriptorum*. Cada um dos caminhos correspondia a uma tarefa determinada e à produção de registros específicos: as regras sociais, a tradição, apresentadas por meio de quadros sinóticos, recenseamentos, mapas; os comportamentos reais, detalhada e minuciosamente descritos nos diários etnográficos; a “mentalidade nativa”, por meio da transcrição, preservando-se o idioma nativo, de palavras e asserções características, narrativas típicas, fórmulas mágicas.

A obra de Malinowski revelou que fazer pesquisa etnográfica é, em certa medida, promover o encontro de mundos diferentes, permitindo o conhecimento do outro de forma efetiva.

A adoção da etnografia se espalhou muito recentemente entre as ciências humanas. O seu uso esteve restrito basicamente à Antropologia e à Sociologia até o início dos anos setenta do século passado (LÜDKE, 1986). Em educação, a abordagem etnográfica passou a ser adotada em razão da complexa gama de informações que normalmente produz, proporcionando uma apreensão radicalmente qualitativa do tema pesquisado. Todas as relações que ocorrem no contexto educacional são permeadas por uma vasta multiplicidade de significados, oriundas de um universo cultural igualmente complexo. O desafio consiste em revelar a complexidade que reside nesse encontro diário de diversidades, tecendo interações imbricadas em um processo de construção do conhecimento que incorpore as dimensões da cultura, as normas institucionais e os objetivos pedagógicos em questão.

As experiências que compõem o pano de fundo desta análise se caracterizam como pesquisas educacionais, enfocando aspectos pertinentes ao horizonte da ciência geográfica sob o prisma das questões ambientais, no interior da escola. De maneira análoga, visavam conhecer em profundidade dois projetos de educação ambiental desenvolvidos na escola, revelando, detalhadamente, o seu funcionamento e suas peculiaridades, compreendendo os múltiplos significados construídos e reconstruídos pelos sujeitos partícipes. E isso, afirmamos desde já, foi alcançado plenamente. Nesse sentido, cabe salientar que em ambas a inspiração no método etnográfico esteve presente de maneira semelhante, considerando, devidamente, as respectivas diferenças de cada contexto analisado.

1. A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE E SUA ORIGEM ETNOGRÁFICA

Originalmente, a etnografia tem o sentido de descrição de todo um sistema cultural que se manifesta em determinado grupo humano. Uma vez adaptada às particularidades da área educacional, as alterações são inevitáveis, o que merece ser considerado. Por isso, preferimos compreender as experiências de observação participante ora analisadas como sendo de inspiração etnográfica, uma vez que não estiveram centradas efetivamente no aspecto cultural dos grupos observados. Talvez fosse possível caracterizar as duas investigações como estudo de caso, não fosse pela grande quantidade de dados primários produzidos em cada uma, assim como a profundidade de análise que foi possível atingir. Como afirma Malinowski (1978, p. 22), o uso da etnografia “proporciona uma maior qualidade das informações sobre o grupo estudado, além de proporcionar uma interpretação dos dados com maior autonomia”.

A observação participante compreende um conjunto de técnicas desvinculadas dos tradicionais contextos experimentais, como os laboratórios. Caracteriza o que se denomina usualmente como “trabalho de campo”, no qual os pesquisadores participam ativamente das atividades desenvolvidas pelo grupo, em seus espaços e tempos de ação espontânea. Ghedin e Franco (2011, p. 193) salientam que essa forma de investigação “surgiu das experiências práticas dos etnógrafos que procuraram e procuram validar o conhecimento das culturas ou dos grupos étnicos estudados com base nas ciências sociais ou, mais especificamente, na Antropologia”. Do ponto de vista metodológico, a etnografia oferece condições de flexibilidade e abertura que o pesquisador dificilmente encontrará em outros métodos. Como a abordagem etnográfica possibilita mais facilmente a realização de

ajustes durante o processo de pesquisa, a mesma se mostra frutífera aos estudos voltados ao mundo escolar, onde nem todos os elementos podem ser previstos em uma fase exploratória.

Talvez o que mais identifique uma pesquisa com o método etnográfico seja o interesse do pesquisador em obter, por meio da caracterização densa das atividades de um determinado grupo, um nível profundo de conhecimento acerca dos significados internamente atribuídos, ou seja, atuando com os sujeitos e suas práticas cotidianas. Como assevera Triviños (1987, p. 121), “a etnografia baseia suas conclusões nas descrições do real cultural que lhe interessa para tirar delas os significados que têm para as pessoas que pertencem a essa realidade”.

Para alcançar êxito, não basta desenvolver e aplicar técnicas de coleta de dados comumente usadas, tais como a entrevista e a análise documental. Mesmo a observação, quando realizada esporadicamente, mostra-se incapaz de permitir o aprofundamento necessário. O pesquisador necessita adentrar a realidade de maneira ativa, compartilhando com os sujeitos do grupo investigado a sua cotidianidade existencial. Afinal, o intuito é captar significados e compreendê-los a partir do ponto de vista nativo. Por isso, vivenciar suas experiências, ver, ouvir e sentir seus eventos, tanto os planejados como os inesperados, acidentais, compõe, necessariamente, o *quefazer* desta investigação.

A observação participante inspirada no método etnográfico prioriza a descrição do ambiente, por isso acompanhar os fenômenos em seu contexto original é elementar. Retirar os sujeitos do seu espaço, mesmo para a realização de entrevistas, não cabe para esta abordagem. O trabalho de pesquisa se vale de entrevistas, formais e informais (no contexto original), registros fotográficos, registros a partir de observação sistemática da realidade, depoimentos e expressões dos sujeitos, tanto verbais como corporais. Tudo rigorosamente registrado.

O efetivo estudo etnográfico exige longos períodos de observação, superiores a um ano, pois o pesquisador almeja compreender a visão dos sujeitos, seus significados enquanto membros de um determinado grupo. O grupo é considerado em suas características particulares e, no caso das experiências ora analisadas, buscou-se compreender a sua dinâmica de funcionamento além da perspectiva dos seus sujeitos. Tudo como forma de produzir conhecimento acerca de experiências consideradas positivas, dedicadas à educação ambiental no ambiente escolar. Trata-se de evidenciar, entre outros aspectos, como os sujeitos se percebem em ação, qual é a concepção deles sobre os objetivos da própria atividade, junto a outros sujeitos. Dessa maneira, entende-se que uma análise profunda poderá resultar em referências para o desenvolvimento de novas ações e iniciativas com semelhante finalidade. A contribuição também pode ser dimensionada internamente, junto ao grupo, auxiliando no processo de reflexão permanente com o fito de qualificar o próprio trabalho.

A seguir, passaremos à exposição sintética das duas experiências de pesquisa que vivenciamos no papel de orientadores, inspiradas na etnografia e desenvolvidas como trabalho de conclusão do curso de licenciatura em Geografia.

2. PRIMEIRA EXPERIÊNCIA: O PROJETO “PATRULHA AMBIENTAL”

Este trabalho possui como particularidade o fato de que a pesquisadora não era uma estranha em relação ao grupo observado, pois atuava na escola em que se desenvolvia o projeto de educação ambiental intitulado “Patrulha Ambiental”. A escola se localiza no município de Pelotas – RS e oferece o Ensino Fundamental, com cerca de 650 alunos matriculados nos três turnos. Grande parte dos alunos é oriunda dos arredores da escola, localizada na periferia da zona urbana,

caracterizada como uma comunidade economicamente carente. Dentre os projetos em funcionamento na escola, a pesquisadora optou por estudar o “Patrulha Ambiental” por causa do tema principal do grupo, a educação ambiental.

O projeto existia já há quatro anos e funcionava sob responsabilidade de um único professor, cuja vinculação com a escola estava além do currículo normal, ou seja, não pertencia a nenhuma das disciplinas curriculares como Geografia ou Ciências. Por iniciativa do professor, o grupo se reunia semanalmente nas tardes de sexta-feira e às quartas-feiras, manhã e tarde, desenvolvendo atividades bastante diversificadas, tais como o cultivo de uma horta, oficinas de reciclagem, teatro e panfletagem nos arredores da escola.

A fase exploratória da investigação correspondeu aos contatos periódicos e às observações cotidianas proporcionados pelo convívio próximo. Além disso, a participação ativa da pesquisadora no grupo em suas reuniões e atividades não provocou um estranhamento maior, comum nos primeiros contatos com os sujeitos da pesquisa em seu ambiente cotidiano. Isso possibilitou um ganho temporal em relação a aspectos que somente seriam atingidos durante o trabalho de campo, quando são, segundo Neto (2000, p. 56), “criados e fortalecidos os laços de amizade, bem como os compromissos firmados entre o investigador e a população investigada”.

Em um primeiro momento, a pesquisadora iniciou uma aproximação mais efetiva com o grupo, visitando e participando de algumas de suas atividades semanais, buscando, de forma gradativa, superar as eventuais dificuldades geradas pelo pouco convívio. Posteriormente, relatou ao grupo os motivos de estar participando das suas atividades, não omitindo o fato de ser pesquisadora. Uma vez aceita, passou a estruturar metodicamente os procedimentos de observação e registro, programando procedimentos complementares,

como as entrevistas semiestruturadas e as fotos, e priorizando momentos cotidianos que proporcionariam oportunidades de análise mais ricas.

Durante o trabalho de campo, a observação participante se fez acompanhar de registros escritos e registros fotográficos das atividades, tanto no interior como nas proximidades da escola, locais de atuação do grupo estudado. Bogdan e Biklen (1994) salientam que, quando os registros fotográficos necessitam ir além de um inventário, a questão se torna mais complicada, pois o uso da máquina pode alterar os comportamentos que visa evidenciar. Por isso, mesmo contando com certa familiaridade junto ao grupo, a pesquisadora passou a fotografar apenas a partir da terceira experiência de observação participante, buscando, assim, minimizar os efeitos da máquina. Também foi bastante utilizado o diário de campo, onde eram registradas manifestações consideradas interessantes, angústias, dificuldades e informações obtidas de fontes secundárias. O relato da pesquisadora reflete com originalidade a experiência vivenciada:

Durante minhas investigações em campo, acompanhei, durante pouco tempo do grupo, em torno de cinco meses (junho a novembro de 2005), as atividades desenvolvidas no projeto “Patrulha Ambiental”, com o intuito de identificar suas principais características, analisando seus reflexos junto aos educandos envolvidos e em relação à escola como um todo, sendo este o principal objetivo a ser alcançado. Coerente com o método etnográfico, não especifiquei categorias de análise anteriores ao contato com o grupo (SILVA, 2005, p. 16).

Como fontes teóricas da questão metodológica, foram utilizados Malinowski (1978), Zaluar (1986) e Neto (2000). Apoiada principalmente nesses autores, a pesquisadora pôde aguçar a problematização em torno da incompatibilidade verificada entre teoria e prática (objetivos formais e ações concretas do projeto), a partir da análise documental (o projeto do grupo por escrito e registrado na Secretaria Municipal de Educação),

confrontada com os resultados percebidos na concretude diária. A pluralidade das técnicas de coleta de dados corroborou com a percepção acerca do distanciamento entre discurso e prática. Entrevistas semiestruturadas, desenvolvidas a partir de um esquema básico, porém não aplicadas rigidamente (LÜDKE, 1986), realizadas com os participantes do grupo, bem como com o professor coordenador, revelaram-se bastante esclarecedoras. Ao mesmo tempo, a pesquisadora relata algumas limitações que podem ser compreendidas como naturais em relação à conjuntura de trabalho, como afirma na seguinte passagem:

Muitas vezes, envolvida com outras preocupações no momento, deixei de registrar, significativamente, acontecimentos em que os alunos estavam envolvidos. Analisando os textos durante a revisão bibliográfica, pude perceber quão limitada foi minha participação no contexto do grupo, uma vez que poderia ter me envolvido muito mais com as práticas do projeto, deixando de lado, pelo menos naqueles instantes, parte de minhas angústias e demais afazeres, para poder perceber mais profundamente as entrelinhas das atitudes tomadas, dos comentários falados (SILVA, 2005, p. 55).

O que chama a atenção é o fato de ficar claramente exposto o nível de exigência do trabalho de inspiração etnográfica, principalmente em relação à postura da pesquisadora. A maneira como relata a própria percepção do processo revela uma angústia constante com aspectos como a fragilidade de sua atuação diante do desafio de chegar a algo objetivo, obter resultados de pesquisa ou mesmo sistematizar os dados coletados. Positivamente, a mesma reconhece a abrangência da compreensão atingida, corporificada em dados como a percepção dos educandos em relação à saída de sala de aula para participar das atividades, além da pouca participação das disciplinas curriculares no projeto, motivada, entre outros fatores, pela estruturação burocrática da instituição escolar.

3. SEGUNDA EXPERIÊNCIA: O PROJETO “ECOGATO”

Diferentemente da experiência de pesquisa anterior, esta teve como tônica a não familiaridade entre pesquisadora e grupo pesquisado. Sua inserção foi caracterizada pela necessidade de uma aproximação mais aguda com os componentes do grupo, motivada principalmente pela limitação temporal. A pesquisadora buscou superar tal limitação comparecendo periodicamente às reuniões planejadas pela coordenação, ciente das necessidades e da importância que isso possuía para o êxito do seu trabalho. Desde o início, revelou que o seu interesse era “estudar o problema a partir da própria linguagem dos indivíduos, visto a importância desta para a investigação e do cotejo entre teoria e prática” (DAMASCENO, 2008, p. 17). As limitações enfrentadas foram ainda maiores, principalmente motivadas pela residência da pesquisadora em outro município, distante do local da pesquisa (a escola se localiza em Pelotas e a pesquisadora mora em Pedro Osório, município distante cerca de 40 km).

O interesse em investigar o projeto de educação ambiental “Ecogato” surgiu após o contato proporcionado pelo período de pré-estágio, quando os discentes observam aulas práticas como preparação para o estágio supervisionado. A escola que abriga as atividades do grupo está localizada no perímetro urbano de Pelotas e oferece Ensino Fundamental e Médio, além de Educação de Jovens e Adultos, para cerca de três mil alunos em três turnos de trabalho. Durante os momentos de pesquisa exploratória, a pesquisadora percebeu que o projeto de educação ambiental tem uma vinculação direta com o Projeto Político-Pedagógico da escola. Tem como meta contribuir com a formação humana inserida em uma concepção sustentável, respeitadora dos limites ambientais. Este projeto, também em funcionamento há quatro anos, está diretamente relacionado às disciplinas

do currículo da escola, sendo coordenado por três docentes pertencentes às áreas de Geografia, Ciências e Matemática.

As primeiras observações foram precedidas pelo contato com a direção da escola e com a coordenação do projeto, buscando obter a aprovação e se inteirar da dinâmica adotada pelo grupo. Em seguida, a pesquisadora foi apresentada à totalidade dos participantes, quando expôs os motivos de sua presença e os objetivos que tinha com relação à sua participação entre eles. Semanalmente, o grupo se reunia, contando com a participação de alunos em turno inverso ao que estão em sala de aula. Apenas uma vez a cada mês, as reuniões ocorriam no mesmo turno das aulas. É interessante o relato a esse respeito, em que as observações revelaram que, nos encontros mensais, o número de alunos presentes era bem maior que nos semanais:

O número maior de alunos nos encontros mensais deve-se ao fato de que são realizados no mesmo turno que o aluno estuda. Este, a critério do professor que está em aula, é liberado para participar do encontro. Nos encontros semanais, o número máximo de participantes nunca ultrapassou dez alunos, percebi que apenas quatro meninas apresentam uma frequência muito próxima a 100% (DAMASCENO, 2008, p. 44).

As observações da pesquisadora provocam a curiosidade em torno dos motivos da disparidade em relação à participação nos encontros. Ao longo da análise, os elementos que permitem ao leitor desenvolver a sua própria concepção em torno do problema são um pouco frágeis, o que se justifica em razão da experiência consistir em uma iniciação à pesquisa. Segundo a pesquisadora, as observações demonstraram isso em virtude da euforia dos alunos ao saírem de suas respectivas salas e se dirigirem à reunião do grupo. Mas importa mesmo é o fato de que o trabalho minucioso de acompanhamento trouxe à tona questões relevantes, que provavelmente outras formas

de pesquisa não revelariam, como é o caso da alegria das crianças no momento relatado. No total, 145 alunos estão registrados no projeto, mas raramente o número de presentes superou 10% nas reuniões semanais.

O projeto desenvolve ações como a arrecadação de pilhas e baterias usadas com posterior encaminhamento às lojas que mantêm postos de coleta, estabelecimento de metas coletivas a serem fiscalizadas no cotidiano da escola, recolhimento de brinquedos a serem doados às comunidades carentes e contação de histórias de conteúdo educativo para as séries iniciais do Ensino Fundamental. Em todas essas atividades a pesquisadora esteve presente, acompanhando e registrando tudo o que fosse possível através de registros escritos, gravados e de fotografias. Ela salienta que as conversas informais, mantidas no cotidiano dos encontros, foram bastante profícuas para o sucesso do trabalho, pois permitiam uma comunicação mais aberta do que aquela obtida por meio das entrevistas, principalmente por se tratar de crianças e adolescentes.

Assim como na primeira experiência de pesquisa com enfoque etnográfico, nesta, os procedimentos de coleta de dados foram bastante diversificados, tendo utilizado além das observações a entrevista, a análise documental e a pesquisa bibliográfica. Além das orientações apontarem nessa direção, o suporte teórico na área metodológica foi bastante estimulador de tal prática. Estiveram presentes Malinowski (1978), Bogdan e Biklen (1994) e Ludke (1986), além da forte influência que a pesquisa anterior exercera nesta segunda experiência. O tempo de contato da pesquisadora com o grupo foi um pouco menor, embora mais intenso, durando três meses, conforme relata a pesquisadora:

Mediada pelas contingências, tive reduzido o tempo de convivência junto ao Projeto, circunstância que diminuiu minhas possibilidades de apresentar um trabalho mais rico em informações e, por conseguinte, uma contribuição mais relevante àqueles que se interessam pelas pesquisas concernentes ao assunto abordado por este trabalho.

Explicitam-se, em suas palavras, alguns dos principais limites que existem nas pesquisas de inspiração etnográfica: o tempo disponível e a proximidade de convívio com o grupo estudado, além do tempo de dedicação a uma abordagem tão exigente em detalhes, como é o caso da etnografia. A dimensão temporal revela fortes condicionantes, quando consideramos o tempo do pesquisador (tempo disponível, possível para dedicar ao trabalho de pesquisa) e o tempo da pesquisa etnográfica, ou seja, o período mínimo necessário para esta metodologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após expor as duas experiências de observação participante na pesquisa em Geografia, apoiadas na etnografia como paradigma de trabalho, entendemos que podem ser salientadas, sistematicamente, as principais limitações e possibilidades que se constituem aos pesquisadores nessa perspectiva. Lembrando que é nosso objetivo principal dimensionar, em nível de graduação, o uso de procedimentos metodológicos inspirados na etnografia, reconhecendo, portanto, que as condições de estrutura, tempo e maturidade acadêmica dos iniciantes à investigação científica sejam adversas ao efetivo trabalho etnográfico. Por isso, tratamos ambas as pesquisas de observação participante analisadas como de inspiração etnográfica.

Uma questão merecedora de análise e que diz respeito ao nosso interesse analítico no âmbito das limitações é a inexperiência dos pesquisadores em relação à observação participante, cuja complexidade e abrangência explicitam sempre uma necessidade a mais no processo de construção do conhecimento. Mas, se é verdade que trabalhar com a abordagem etnográfica exige muito do pesquisador, também podemos conceber que, inserindo-se nesta perspectiva desde o início de sua trajetória, as experiências posteriores

serão mais produtivas e promissoras, considerando o nível de profundidade e competência adquiridas. O enfrentamento necessário com o grande volume de dados primários por parte do pesquisador, que pode levá-lo a sentir-se perdido, sem noção de como proceder, terá sido superado com o apoio bastante próximo da orientação, o que facilitará o desenvolvimento de investigações semelhantes em nível de mestrado e doutorado. Destaca-se, portanto, o papel da relação de orientação como contraponto necessário, capaz de assegurar o êxito da pesquisa.

Se, por um lado, o quadro aparentemente frágil em que se vê o pesquisador inexperiente se mostra inibidor de iniciativas dessa natureza, por outro, percebe-se que a flexibilidade de atuação e de criação, em meio ao processo de pesquisa, implica rica construção de conhecimento, não só acerca da realidade investigada, do objeto, portanto, mas, também, do sujeito pesquisador.

No que tange às possibilidades, o processo de orientação no qual nos envolvemos com as duas experiências de observação participante inspiradas no método etnográfico mostrou que a dedicação das pesquisadoras superou satisfatoriamente os problemas decorrentes da inexperiência. Além disso, percebemos que o interesse que as levou a estudar os grupos de educação ambiental teve aumentada a sua intensidade, permitindo concluir que o método contribuiu com o desejo das pesquisadoras, principalmente porque proporcionou o desvelamento de aspectos tão difíceis de serem detectados em uma observação menos profunda.

Evidenciamos esta tese através da continuidade que ambas as pesquisas suscitaram, posteriormente, na pós-graduação. Provocaram muitos temas merecedores de novas e mais aprofundadas investigações, ou seja, não levaram ao esgotamento do problema inicial de trabalho. Buscando, desde o início, a inserção no

contexto cultural permeado pela diferença e pela multiplicidade de significados, foram capazes de descrever minuciosamente cada experiência, sem descuidar dos devidos registros. Evitando quaisquer tendências à generalização, o que contradiria a metodologia adotada, chegaram às conclusões tendo atingido os objetivos propostos. Por fim, fiéis à inspiração etnográfica, permitem ao leitor atento realizar a sua interpretação, podendo dialogar com a interpretação das autoras.

Acreditamos que o maior obstáculo às experiências de iniciação à pesquisa de acordo com o método etnográfico seja constituído pela extrema limitação de tempo. Dificilmente um estudo etnográfico pode ser desenvolvido em menos de um ano escolar. A forma como está estruturado o curso de licenciatura em Geografia conduz a grande maioria dos discentes a se engajar no processo de pesquisa somente no semestre final, embora disciplinas que abordam o projeto de pesquisa sejam oferecidas no sexto e sétimo semestres. Mesmo assim, o acúmulo de trabalhos acadêmicos impede a iniciação mais precoce, que seria ideal. É preciso considerar, ainda, que, em se tratando de um curso noturno, um bom número de alunos trabalha durante o dia, reforçando a tendência de deixar para o final o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Avaliadas as experiências, pensamos que os resultados se mostraram profícuos, estimulando não apenas a nós, orientadores, mas também a outros pesquisadores iniciantes a adotar a observação participante e até mesmo o método etnográfico em suas investigações. As limitações explicitadas constituem desafios a serem enfrentados, cuja reflexão permanente poderá conduzir a futuras reformulações, inclusive no âmbito curricular, motivadas pela busca de uma formação docente alicerçada na prática da pesquisa.

THE PARTICIPANT OBSERVATION IN THE GRADUATION IN GEOGRAPHY: LIMITS AND POSSIBILITIES

Abstract

This paper addresses two research experiences in geography developed on the basis of participant observation, inspired by the ethnographic method, seeking to scale their limits and possibilities in the investigative process at the undergraduate level. The experiences that make up the backdrop of this analysis are characterized as educational research, focusing on the teaching of geography through the prism of environmental issues within the school. In this sense, it should be noted that in both participant observation was present in a similar way, although adapted to the study context. Once evaluated, we believe that the results were fruitful, stimulating other researchers beginning to adopt the ethnographic method in their investigations. The explicit constraints are challenges to be faced, whose permanent reflection may lead to further restatements, including in curriculum, motivated by the search for a teacher training grounded in research practice.

Keywords: Participant observation. Ethnography. Search. Geography. Teaching.

LA OBSERVACIÓN PARTICIPANTE EN PREGRADO GEOGRAFÍA: LÍMITES Y POSIBILIDADES

Resumen

Este estudio se centra en dos experiencias de investigación en Geografía desarrolladas en

base a la observación participante, inspirado en el método etnográfico, en busca de ampliar sus límites y posibilidades en el proceso de investigación a nivel de pregrado. Las experiencias que conforman el fondo de este análisis se caracterizan por la investigación educativa, centrándose en la enseñanza de la geografía, a la luz de los problemas ambientales dentro de la escuela. En este sentido, hay que señalar que la observación participante estaba presente de una manera similar, aunque adaptado al contexto estudio. Una vez evaluado, creemos que los resultados fueron fructíferos, la estimulación de otros investigadores que comienzan a adoptar la metodología en sus investigaciones. Las limitaciones son retos que hay que afrontar explícitas, cuya reflexión permanente podría conducir a nuevas formulaciones futuras, incluyendo marco curricular, motivada por la búsqueda de una formación docente arraigada en la práctica de la investigación.

Palabras clave: Observación participante. Etnografía. Búsqueda. Geografía. Educación.

REFERÊNCIAS

- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: introdução às teorias e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.
- CARDOSO, R. (Org.). *Aventura antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- DAMASCENO, A. B. *Projeto Ecogato: análise de uma iniciativa em Educação Ambiental na Escola*. 2008. 65f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008.
- DEMO, P. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. São Paulo: Cortez, 1990.

GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. *Questões de método na construção da pesquisa em educação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GIUMBELLI, E. Para além do “trabalho de campo”: reflexões supostamente malinowskianas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, vol. 17, nº 48, p. 45-59, 2002.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

NETO, O. C. *O trabalho de campo como descoberta e criação*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, M. A. da. *Educação ambiental na escola: o caso do projeto “Patrulha Ambiental”*. 2006. 64f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2006.

TRIVINÓS, A. N. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

ZALUAR, A. *Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

Enviado em 06 de dezembro de 2016.

Aprovado em 07 de outubro de 2017.